



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO V - Nº. 57

Arcanjo da Estação Primavera: Raphael

Dezembro 2007

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

O Fenômeno da Reencarnação

Há muitos homens de ciência que admitem o subconsciente, não desconhecem os axiomas da psicanálise, mas toda vez que se lhes fala no fenômeno de reencarnação, erguem-se os ombros desdenhosamente e afirmam que, até hoje ninguém a demonstrou cientificamente.

Lembrarei um fato clássico e presentemente muito divulgado, aos que ainda pensam deste modo.

Existe, no balneário inglês Blackpool, uma linda rapariga que o célebre egíptólogo Howard Hulme, estudando os fenômenos psíquicos por ela produzidos, chegou a conclusão, de que, numa encarnação anterior, viveu em 3.300 e foi esposa do faraó Amen Hotep III. O Dr. Wood e outros professores da notável Universidade de Oxford foram testemunhas dessas curiosas experiências.

Essa maravilhosa criatura cai em transe e neste estado, não só traça hieróglifos idênticos, genuinamente idênticos aos egípcios, como traduz ou interpreta outros, dessa época, que lhe são mostrados.

Em estado de vigília fala, apenas, o inglês, porém mediunizada faz discursos em puro egípcio. Muitos desses discursos foram impressos em discos fonográficos. Os egíptólogos que a observaram, confessam-se

sumamente encantados, porque, tem desvelado mistérios, decifrado enigmas que a ciência esotérica, apesar dos trabalhos dos continuadores de Champollion, não conseguiram atingir.

Canta hinos a Isis e Osiris, hinos característicos dessa época distante.

Dança também bailados sagrados e descreve tantos detalhes do reinado do faraó, seu esposo, que a Universidade de Oxford deliberou estudar o caso, e divulgar em livro o resultado de tais pesquisas.

Isto passa-se em Oxford ou melhor na culta Inglaterra, onde ninguém desconhece a existência de sábios de notória capacidade.

Aqui na América Latina o fato não passara de blague ou, em bom português, de embuste de refinados mistificadores.

Mas, os tempos mudam e realmente essas mudanças já se vão tornando evidentes e positivas.

Tudo renasce, tudo reencarna. O trigo maduro cai sobre a terra e se o grão morre, cresce uma planta, fenômeno que se reproduz, através dos séculos e prova que nada se acaba, nada se cria e tudo muda de forma, isto é, reencarnação.

Todas as religiões admitem a reencarnação. Todas repito, porque a Bíblia reconhecendo-a, e a Igreja Romana inspirando-se, como se inspira na Bíblia, lógica e racionalmente, não a poderá contestar.

No dia em que o povo despertar do sono hipnótico, a que intencionalmente está submetido, verificará os males que lhes tem cau-

sado os que lhe exigem voto de pobreza em favor de instituições multimilionárias, que sonham dominar, por este meio, a humanidade e quiçá as cinco partes do mundo.

A justiça de Deus, as vezes demora, mas não falha.

Gnose Fevereiro de 1938

O Mistério Cristão

Desde as origens do cristianismo e do tempo dos apóstolos, a iniciação cristã existiu sempre e permaneceu sempre invariável durante a idade média e até nossos dias, em grande número de Ordens religiosas, assim como entre os Rosa-Cruzes.

Esta iniciação consta de exercícios espirituais que revela, tradições idênticas e invariáveis. As instituições, que a praticam num profundo segredo, são o verdadeiro lar de toda a vida espiritual e de todos os progressos religiosos realizados pela humanidade.

A iniciação cristã é, sob certos pontos de vista, tão difícil quanto a iniciação antiga. Concentra a essência e a missão do cristianismo que veio ao mundo, no tempo em que o homem cumpria a sua descida mais profunda na matéria. Esta descida deve ser conferida a uma consciência nova, mas ergue-se dessa profundidade, dessa densidade material, constitui empresa, que exige um esforço maior e torna a iniciação mais difícil. É por isso que o Mestre Cristão exige do discípulo um grau superior de humildade e de máxima devoção.

A iniciação cristã dividiu-se sempre em sete fases, das quais quatro correspondem aos quatro passos da ascensão ao Calvário.

O Lava pés

A flagelação

A coroa de espinhos

A condução da Cruz

A morte mística

O enterro

A ressurreição

O lava pés : “E uma prática preparatória, de natureza puramente moral, que se relaciona com a cena em que o Cristo lava os pés dos Apóstolos antes da festa da Páscoa. “Em verdade vos

digo, o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior que aquele que o enviara.” A teologia dá a este ato uma interpretação puramente moral e distingue nele exclusivamente um exemplo de profunda humildade e abnegação absoluta do Mestre aos seus discípulos e a sua obra. Os Rosa-Cruzes aceitam esta noção, mas, vão um pouco além e percebem no símbolo a evolução de todos os seres da natureza. É uma alusão a lei que nos ensina que o superior é produto do inferior. A planta poderia dizer ao mineral: “Eu sou superior a ti, porque, é do teu seio que extraio a substância de que me nutro”. E o animal poderia dizer a planta: “Eu sou superior a ti, porque tenho uma sensibilidade, paixões, movimentos voluntários que tu não tens, mas sem o alimento que me concedes, sem tuas folhas, teus frutos e a tua seiva não poderia viver”. E o Homem poderia dizer as plantas “Eu sou superior a ti, porém devo-te o oxigênio que respiro” E poderia repetir aos animais: “Eu tenho uma alma como não possúis, mas todos somos irmãos e companheiros e nos adestramos na evolução universal. O sentido esotérico do lava pés é, portanto, que Jesus Cristo, O Messias, o Filho de Deus, não poderia existir sem os Apóstolos.

O discípulo que meditou sobre este tema, durante meses e talvez, anos seguidos, obtém a visão do lava pés, em plano astral, no decurso do sono. Poderá, então passar ao segundo grau da iniciação cristã.

A flagelação: Nesta frase, o homem aprende a resistir aos açoites da vida. Aos sofrimentos de todas as espécies. Físicos e morais, intelectuais e espirituais. Neste período, o discípulo sente a vida como uma aterradora e incessante tortura. Deve-se suportá-la com perfeita equidade de ânimo e coragem verdadeiramente estoica. Não se deve ter medo de nada absolutamente. Quando chegar a temer terá ensejo de assistir, em sonho, a cena da flagelação. No momento dessas visões, ver-se-á flagelado como Jesus. Este fenômeno é acompanhado de certas manifestações na vida física e traduz-se por uma hiperestesia de toda a sensibilidade, uma ampliação do sentido universal da Vida e do Amor.

Um exemplo dessa sensibilidade requintada, transportada ao mundo da inteligência, observa-se na vida de Goethe. Depois de prolongados estudos osteológicos sobre o esqueleto humano e de certos animais, assim como observações comparadas sobre embriões, Goethe chegou a conclusão de que na estrutura óssea do homem devia existir um osso intermaxilar. Antes da sua descoberta, negava-se a existência desse osso na mandíbula superior do homem. Ele mesmo conta que, quando o pressentiu, teve um sobressalto de alegria e uma espécie de êxtase, que denomina um dos maravilhosos momentos de transporte da sua vida. Durante sua viagem a Itália, experimentou o mesmo sentimento, quando examinando um crânio, ocorreu-lhe outra idéia, mais extraordinária ainda, para a evolução humana, idéia que pode ser considerada simultaneamente esotérica e darwiniana, de que o cérebro humano, centro da inteligência, precedido pelo cerebelo, centro dos movimentos voluntários, é uma floração e uma expansão da medula espinhal., como a flor é uma eclosão e uma síntese da raiz e da haste da planta.

Por que o genial poeta conseguiu realizar a maravilha dessa descoberta, que bastariam para assegurar-lhe a imortalidade?

Necessariamente por causa da sua assombrosa inteligência, mas também, pela simpatia que o ligava a todos os seres e a própria natureza. Essa sensibilidade é um requinte e uma extensão das forças da vida e do amor. Correspondente ao segundo grau da Iniciação Cristã, é a recompensa da prova da Flagelação. O homem adquire com ela um sentido de amor para com todos os seres, que o identifica com o coração da natureza.

A coroa de espinhos: Aqui o homem deve aprender a afrontar o mundo, moral e intelectualmente, a suportar o desprezo, quando se lhe atua, no que possui de mais caro. Saber permanecer de pé, quando todos o oprimem. Saber dizer sim, quando todos dizem não. Isto é preciso aprender antes de mais nada. Revela-se então um sintoma novo, a dissociação ou melhor, o poder de separar momentaneamente três forças que no homem normal estão sempre unidas; a vontade, a sensibilidade e a inteligência. É abso-

lutamente indispensável aprender a separá-las ou uni-las voluntariamente. Enquanto qualquer fato, qualquer acontecimento exterior nos enche espontaneamente de entusiasmo, não atingimos a meta desejada. Porque esse entusiasmo, assim produzido, pode provocar-nos uma influência maléfica da qual não nos poderemos libertar. O discípulo só deve encontrar entusiasmo, nas profundezas da vida mística. É preciso, portanto, saber portar-se com a máxima impassibilidade diante de qualquer acontecimento. É a única maneira de adquirir a indispensável liberdade. Esta separação da sensibilidade, da inteligência e da vontade produz no cérebro a sensibilidade da coroa de espinhos. Para suportá-la sem perigo é necessário que as forças da personalidade tenham sido suficientemente trabalhadas e estejam perfeitamente equilibradas. Se assim não sucede o discípulo tem um mau quia e pode até perder a razão.

Porque a loucura não é outra causa senão a dissociação operada involuntariamente, sem que unidade possa ser restabelecida por uma vontade interna. Sucede o contrário, quando o discípulo adquiriu a aptidão de fazer cessar essa dissociação espontaneamente. Um relâmpago da sua vontade restabelece o vínculo entre os órgãos e as atividades de sua alma, enquanto, que no louco esse afastamento pode tornar-se irremediável e determinar uma lesão física nos centros nervosos.

No curso da fase denominada coroa de espinhos, na Iniciação Cristã, produz-se um fenômeno formidável que tem o nome de aparição do Guardião do Umbral e que pode ter também o nome de revelação do duplo inferior do ser espiritual do homem, fruto das suas vontades, dos seus desejos e da sua inteligência, que se revela ao iniciado sob uma forma visível, em sonhos. E essa forma é, as vezes, repugnante e pavorosa, porque é o resultado de suas paixões, boas ou más, ou do seu Carma. É a sua personalidade plástica no plano astral.

O homem deve procurar destruir esta forma, afirm de encontrar o seu EU SUPERIOR. O Guardião do Umbral que a hipervisão permite observar, foi desde os tempos mais remotos, a origem

de uma infinidade de mitos e lendas, como a luta de Perseu com Monstro, Hércules com a Hidra, S. Jorge e Sigfrid com o dragão.

A revelação prematura dos fenômenos astrais e a súbita aparição do Guardião do Umbral, podem levar a loucura o discípulo que não tenha adquirido o indispensável preparo, e saiba adotar as necessárias precauções.

A condução da Cruz: Relaciona-se também simbolicamente com uma virtude da alma. Esta virtude que consiste, de certo modo, em sustentar o mundo sobre a consciência, como Atlas o sustentava sobre os ombros, poderia chamar-se sentimento de identificação com a Terra e tudo que nela existe. É a unidade a que se referem os orientais. Os homens identificam-se, em geral, e sobretudo, o homem moderno (Spinoza, em sua “Ética” chama a primeira idéia fundamental do homem, a idéia do corpo em ação) e o discípulo deve cultivar esta idéia de que, no conjunto das coisas, seu corpo não é mais importante, para si, do que outro corpo qualquer, seja o corpo de um homem, de um animal, um touro de madeira ou um bloco de pedra. O Eu não acaba na epiderme, une-se ao organismo universal como nossa mão no conjunto do nosso corpo. Que seria a mão isoladamente? Um fragmento humano. Que poderia fazer o corpo humano sem o apoio do solo em que se mantém, sem o ar que respira? Morreria, porque não passa de um pequeno órgão desta terra e desta atmosfera. Eis a razão pela qual o discípulo deve penetrar em cada ser e identificar-se com o Espírito da Terra.

Goethe também nos oferece uma magnífica descrição desta frase, no início do seu Fausto, quando o Espírito da Terra, que o sábio alquimista evoca surge e lhe diz:

“Nas ondas da vida, ação e tempestade,
Eu me elevo e desço,
Nasço e morro,
Um mar eterno,
Um turbilhão cambiante,
Uma chama de Vida,
Assim urdo a trama dos tempos,
E teço a túnica viva de Deus.”

Identificar-se com todos os seres, não quer dizer desprezar o seu corpo e sim conduzi-lo ou carregá-lo como uma coisa independente de si, do mesmo modo que Jesus carregou a Cruz, na ascensão ao Calvário. É preciso que o Espírito tenha um corpo, como a mão o instrumento adequado ao trabalho que pretende executar. O discípulo tornar-se-á assim, consciente das forças ocultas que existem no íntimo do seu próprio ser. Pode, por exemplo, no curso das suas meditações, produzir estigmas sobre sua pele. É sinal de que está preparado para a quinta esfera, em que se revela uma súbita iluminação.

A Morte Mística: Presa do maior martírio, o discípulo monologa: Reconheço que o mundo dos sentidos, na sua totalidade, não é mais do que uma ilusão. Experimenta, verdadeiramente, a sensação da morte e de que mergulha num mar de trevas. Essas trevas, porém biparte-se e aparece uma luz; brilha a luz astral. Rasgou-se o véu do templo. Essa luz não se confunde com a luz solar. Irradia-se de todas as coisas e do próprio homem. A sensação que produz, não se parece em nada com a produzida pela luz externa. Para dar uma idéia aproximada do fenômeno, procurei objetivar um exemplo. *Imagine-se um peregrino que, afastando-se de uma cidade tumultuosa, penetra numa espessa floresta. Gradualmente os ruídos se extinguem e o silêncio envolve tudo. Chega a perceber o que está para além do silêncio, franquear esse ponto zero, onde se cala todo o ruído exterior. O som começa a ser percebido do outro lado da vida, pelo ouvido interno. Tal é a experiência vivida pela alma que penetra no mundo astral.* Entra em contato com a qualidade inversa das coisas que conhece, o mesmo que abaixo de zero ou entre uma ordem crescente de números negativos. É preciso perder tudo, para tudo reconquistar; até a própria vida. Porém, no momento em que tudo se perde, tem-se a impressão de um suicídio, e depois, lembra-se de que é o autor da Vida Nova. É a Morte Mística. Passado este transe, entra-se na fase do Enterro. (continua)

– E. Schure – Gnose Fevereiro 1938